

# Pandemia teve impacto desproporcional nos migrantes, mulheres mais afectadas

Estudo do Iscte sobre os impactos psicológicos da pandemia nos imigrantes é apresentado hoje e mostra que desigualdades pioraram. Mulheres relataram mais sintomas graves de depressão, ansiedade e stress

Joana Gorjão Henriques

Durante a pandemia, uma mulher cabo-verdiana teve insónias, resultado do stress, da pressão no trabalho e da incerteza. “Acabava por terminar o trabalho às tantas da noite, isso queria dizer que eu estava a trabalhar excesso de horas, que não eram remuneradas”, referiu num estudo sobre os impactos psicológicos da covid-19 na população imigrante em Portugal. Outra mulher da mesma nacionalidade falou sobre a angústia de não conseguir marcar uma consulta para os filhos, que tinham problemas respiratórios, saindo sempre “frustrada” – a “chorar mesmo”. “Porque nem chegava na médica, barravam logo no *guichet*”, queixou-se.

Uma participante brasileira no estudo relatou vários episódios em que ela e o filho foram alvo de discriminação por parte de funcionários e médicos de serviços de saúde: “Eu não sei se por estarem supersaturados, ou por acharem que por eu ser imigrante brasileira eles podiam gritar comigo daquela maneira.”

A discriminação foi, aliás, algo que uma médica de saúde pública confirmou ter acontecido: “Apercebi-me que muito do descontentamento e das queixas de ansiedade, depressão também vinham da falta, ou da percepção de falta de acesso aos cuidados de saúde (...) e da discriminação que sentiam.” E acrescentou: “Havia uma percepção muito grande de discriminação e uma transmissão de uma ideia implícita, e mesmo às vezes explícita, de que eles [imigrantes] não deveriam ter (...) acesso ao mesmo tipo de cuidados de saúde, nem de saúde mental que um cidadão de nacionalidade portuguesa. (...) Eu não tinha a percepção de que estaríamos tão mal nesse sentido até à pandemia.”

Estes relatos fazem parte de um estudo sobre os impactos psicológicos que a pandemia teve na população imigrante em Portugal, do projecto Equals4COVID19, que reúne especialistas do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES) do Iscte e do Instituto de Saúde Ambiental da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Intitulado *Equidade em saúde em tempos de pandemia: saúde mental e bem-estar de brasileiros e cabo-verdianos em Portugal*, será apresentado hoje



**Brasileiros sentiram maior dificuldade de acesso aos cuidados de saúde, mais discriminação e níveis mais baixos de resiliência**

**604**

**peçoas participaram neste inquérito para avaliar o bem-estar das populações migrantes (322 brasileiros e 282 cabo-verdianos)**

**32%**

**das mulheres imigrantes relataram sintomas de depressão moderada a grave, nos homens foi de 15%**

numa conferência, em Lisboa, sobre “Novas Fronteiras na Saúde”.

Uma das conclusões é que, apesar de os impactos da pandemia terem sido sentidos em todo o país, o impacto psicológico sobre a população imigrante “foi desproporcional e ampliou as desigualdades pré-existentes”. Entre a população imigrante, foram as mulheres que mais relataram sintomas graves de depressão, ansiedade e stress, amplificados pela interação entre discriminação e situações de vulnerabilidade.

Segundo várias mulheres, “os episódios de discriminação aumentaram ao longo da pandemia, com impactos severos no seu bem-estar emocional”.

Sobre a situação económica os dados mostram que 29,9% dos cabo-verdianos consideraram-na “difícil ou muito difícil”, em comparação com 19% dos brasileiros. Entre cabo-verdianos e brasileiros, foram estes últimos que apresentaram maior sofrimento psicológico (28,6% versus 11,7%) e também maior ansiedade

(10,4% versus 5,4%) e depressão (29,6% versus 20,7%).

**“Sentimento de desamparo”**

Dados fornecidos pelos investigadores a pedido do PÚBLICO com cálculos diferentes dos que estão apresentados no estudo mostram as diferenças de género, entre imigrantes, em várias frentes: cerca de 32% das mulheres imigrantes relataram sintomas de depressão moderada a grave, nos homens foi de 15%; aproximadamente 11% das mulheres apresentaram sintomas moderados a severos de ansiedade, enquanto entre os homens foi de 3,7%; quase 26% das mulheres demonstraram sinais de sofrimento psicológico considerável, enquanto nos homens foi de 13%; cerca de 57% das mulheres entrevistadas consideravam-se muito preocupadas com terem dinheiro suficiente para as necessidades básicas, enquanto nos homens foi de 45%; cerca de 30% das mulheres relataram dificuldade no acesso a serviços de saúde mental, enquanto nos homens o valor foi de 25%; por

fim, 43% das mulheres sentiram-se discriminadas no contexto pandémico, enquanto entre os homens essa percentagem foi de 36%.

O estudo indica que a deterioração das condições económicas se destacou como “um dos maiores factores de insegurança” para os imigrantes, aumentando a exposição ao risco de contágio e intensificando o medo de adoecer sem recursos financeiros para cobrir despesas ou proteger as suas famílias. Este cenário de medo e incerteza gerou “um sentimento de desamparo”, especialmente entre aqueles com dificuldades no acesso a recursos de protecção social e apoio à saúde mental.

Como a maioria continuou a trabalhar, muitos imigrantes correram elevado risco de contágio e tiveram assim índices mais altos de infecção. “Enquanto muitos cidadãos conseguiram proteger-se em casa, outros – principalmente os imigrantes em empregos essenciais – continuaram expostos por não terem escolha, uma vez que dependiam do trabalho para sobreviver”, referiu, num comunicado, Violeta Alarcão, socióloga, investigadora do Iscte e coordenadora do estudo.

Segundo os dados, que se focaram nos imigrantes brasileiros e cabo-verdianos, a situação financeira era “difícil ou muito difícil” para quase 30% dos cabo-verdianos e para 19% dos brasileiros. Para mais de 33% a situação financeira piorou com a pandemia. Foram os brasileiros que sentiram maior dificuldade de acesso aos cuidados de saúde, mais discriminação e níveis mais baixos de resiliência. Nos grupos focais foram referidas barreiras no acesso aos serviços públicos como precariedade laboral (que limita o acesso a direitos básicos), barreiras linguísticas, falta de informação e burocracia excessiva, preconceito e discriminação ou falta de apoio.

Os investigadores apontaram a “falta de um sistema de protecção social robusto e equitativo” para imigrantes e para a coordenadora os resultados mostram “a urgência de desenvolver políticas públicas mais inclusivas e adaptadas às necessidades de grupos vulneráveis como os imigrantes”. O estudo deixa uma lista de recomendações, incluindo a contratação de mais mediadores culturais para os serviços e a abertura de núcleos dos centros de saúde nas associações de migrantes.

ID: 114209995

19-11-2024

---

**Saúde mental**  
**Pandemia**  
**teve impacto**  
**desproporcional**  
**nos migrantes**

Sociedade, 12

---